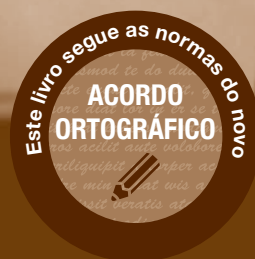


GRANDES
GUERRAS

apresenta



A MINHA SEGUNDA GUERRA

João Barone



Copyright © 2009 João Barone
Copyright “Barone vai à guerra” © *Grandes Guerras*

Diretor editorial **Marcelo Duarte**
Coordenadora editorial **Tatiana Fulas**
Assistente editorial **Karina Danza**
Projeto gráfico e diagramação **Ana Miadaira**
Edição de texto **Ernesto Yoshida**
Crédito das imagens **Antoine Laguerre (still das filmagens do documentário *Um brasileiro no Dia D*)**
Bruno Algarve e Daisy Biagini (mapa)
Carlos Chagas (ilustrações)
Editora Abril (p. 132)
João Barone (arquivo pessoal)
LatinStock (p. 149)
William Rodrigues (p. 160, foto 6)
Preparação **Sylvia Corrêa**
Revisão **Telma Baeza G. Dias**
Ana Maria Barbosa
Alexandra Costa da Fonseca

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B244m

Barone, João

A minha Segunda Guerra / João Barone – São Paulo: Panda Books, 2009.

1. Guerra Mundial, 1939-1945. I. Título.

08-4570.

CDD: 940.54

CDU: 94 (100) “1939/1945”

2009

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

DEDICATÓRIA

Na guerra, se diz que um soldado espera que seus parceiros de batalha sejam destemidos, valentes e talentosos para lutar ao lado. Assim é na vida. Herbert, Bi e Zé: obrigado por existirem!

Minha mãe e irmãos: juntos mantemos viva a memória do nosso pai.

Minha esposa Katia: se esse livro existe, foi pela sua paciência, incentivo e – acima de tudo – seu amor.

Patrícia Hargreaves, Ernesto Yoshida e todos da Abril.

Marcelo Duarte e todos da Panda Books: obrigado pelo convite irrecusável!

Clara, Laura e Vicente: esse livro é dedicado a vocês, para que se lembrem de contar aos seus filhos e netos a história do seu avô João, que lutou numa guerra de verdade.

PREFÁCIO I

Entre o final de 1999 e o começo de 2000, editei os 35 fascículos, totalizando mais de oitocentas páginas, que o jornal *O Globo* publicou a fim de sumariar o século então em vias de terminar. Cada ano ganhava um artigo de maior fôlego, assinado, e dez verbetes menores. Na hora de encomendar o texto de 1939, ano em que começou a Segunda Guerra Mundial, não tive dúvidas: pedi a João Barone, amigo de Os Paralamas do Sucesso, porque há muito sabia e compartilhava – dos modelos da Revell aos livros da extinta editora Renes – do seu entusiasmo por assuntos bélicos em geral e por esse conflito crucial em particular.

Não tive motivo algum, portanto, para considerar uma ousadia preterir historiadores ou militares. De forma clara e bem informada, Barone explicou a leitores leigos no assunto as origens da luta e os seus primeiros *rounds*, concluindo: “Em 1939, a turnê mundial de Adolf Hitler começara bem, mas logo o mundo inteiro estaria mobilizado para enfrentar e destruir o maior vilão individual não só deste século, mas de toda a História”. Assim, não foi surpresa alguma vê-lo transformar-se em colunista da revista *Grandes Guerras* ou em âncora fardado do documentário *Um brasileiro no Dia D*, no qual rodou a Normandia no próprio carro de comando e reconhecimento de um quarto de tonelada, ou seja, seu jipe.

É a saga que resultou no filme dirigido por Victor Lopes durante a comemoração do 60º aniversário da maior operação de desembarque da História, lançado em DVD pela *Grandes Guerras*, que fornece alguns dos melhores momentos deste *A minha Segunda Guerra*. O comovente passeio por Paris, a viagem para a costa da Normandia, o encontro no caminho com outros colecionadores de veículos mili-

tares, a reflexão no cemitério de Colleville-sur-Mer... “Que injustiça cometeremos se o sacrifício desses que morreram na guerra – e dos poucos que sobreviveram e ainda estão vivos – seja esquecido”, pensa Barone, tendo em mente seu pai, pracinha da FEB que voltou bem, embora indisposto a contar a história.

Barone apresenta, neste relato e na coletânea de textos publicados na revista, não apenas o detalhado conhecimento técnico sobre a Segunda Guerra, mas a sensibilidade para perceber que foi o conflito, por vias diretas ou indiretas, pela instalação da siderúrgica de Volta Redonda ou pela liberação dos anseios por liberdade aqui, que levou o Brasil à modernidade e à democracia. Em textos emocionados e emocionantes, Barone comprova que a paixão pela guerra também pode ser um ato de amor à vida.

Arthur Dapieve

Colunista do jornal *O Globo*

PREFÁCIO II

Todos nós temos uma Segunda Guerra, mesmo sem saber. O maior conflito da história humana matou mais de 50 milhões de pessoas e foi o fato histórico mais importante do século XX. Basta olhar o jornal hoje. Boa parte das notícias tem sua origem no que aconteceu entre 1939 e 1945 em campos de batalha espalhados pelo planeta. Em qualquer crise é possível traçar um vínculo com as guerras mundiais – o resultado da Primeira (1914-1918) foi a óbvia causa da Segunda.

Vietnã? Era colônia francesa, ocupada em 1940 pelos japoneses, que se aproveitaram do fato de a França ter sido conquistada pela Alemanha.

Oriente Médio? Os britânicos tomaram a Palestina na Primeira Guerra; os alemães mataram seis milhões de judeus na Segunda.

Timor Leste? Japoneses tomaram a ilha toda, a parte holandesa e a metade portuguesa, expulsando australianos que ali voltaram em 1999 para garantir a independência por conta de uma espécie de dor na consciência.

E, claro, cada ser humano tem o seu relato pessoal da guerra, mesmo os que não a viveram, mas tiveram parentes que lutaram ou morreram nela.

A curiosidade de João Barone pelo conflito começou em casa, com um pai veterano da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que relutava em falar da sua participação na guerra. Assim como muitos da nossa geração – quarentões chegando aos 50 –, ele foi atrás da

literatura disponível. Já havia muito o que ler na década de 1970. Quem não se lembra do clássico livro sobre combate aéreo, *O grande circo*, do francês nascido em Curitiba, Pierre Clostermann? Traduzido em dezenas de países, muito bem escrito, sem dúvida foi uma das maiores influências entre os curiosos sobre o conflito. Por isso foi particularmente tocante ver e ouvir Clostermann ser entrevistado por Barone, e agora ler sobre a sua memorável jornada em busca do “brasileiro no Dia D”.

Como jornalista, também tive a chance de visitar as praias da Normandia, e me emocionar com os cemitérios repletos de cruzeiros e estrelas de Davi. Tive uma sorte ainda maior de visitar o Norte da Itália com ex-combatentes brasileiros da FEB e pude começar a ter interesse pela “nossa” Segunda Guerra, aquela que diz respeito diretamente ao Brasil. É um alívio ler Barone chamando Hitler de “vilão”, e dizer que os aliados lutaram contra “as forças do mal”. Um nocivo e abjeto relativismo cultural muito arraigado entre intelectuais argumenta que não existiria o “certo” e o “errado”, o Bem e o Mal. A guerra é sempre algo ruim, mas é muito pior fingir que todas elas são iguais. A Segunda Guerra foi uma guerra justa. Era preciso erradicar o nazismo genocida alemão, o fascismo italiano e o militarismo racista japonês. Felizmente, as forças do bem triunfaram.

Ricardo Bonalume Neto

Repórter do jornal *Folha de S. Paulo*

SUMÁRIO

Introdução | 11

AS ORIGENS DA “MINHA GUERRA” | 17

Como tudo começou | 18

Falar (ou não) da guerra, ontem e hoje | 22

A guerra silenciosa do meu pai | 23

Voltando a fita... | 28

Brincadeira de gente grande | 35

Por que não filmar a viagem? | 40

O brasileiro que faltava | 45

O filme do meu pai | 50

Um brasileiro no Dia D! | 55

30 de maio: A jornada dia a dia | 56

31 de maio: Chegada a Paris | 58

1º de junho: O encontro com o brasileiro do Dia D! | 60

2 de junho: Rumo à Normandia! | 62

Lei de Murphy | 66

3 de junho: Reconhecendo o terreno | 69

Pointe du Hoc e Omaha Beach | 71

4 de junho: Caen e Ponte Pégasus | 73

5 de junho: Sainte-Mère-Église | 78

6 de junho: Dia D! | 81

7 de junho: Arranches e Colleville-sur-Mer | 84

8 de junho: Volta a Paris! | 88

9 de junho: Volta ao Brasil! | 89

A síndrome pós-parto | 89

Enfim, *on the beaches!* | 91

Agradecimentos da filmagem	95
Roteiro Paris-Normandia	96
Impressões sobre alguns lugares por onde passei	98
Lista de sites de interesse sobre a Segunda Guerra na internet	100

BARONE VAI À GUERRA – Uma coletânea de artigos publicados na revista *Grandes Guerras* | 105

Carta sem censura de um pracinha	106
Guerra nos quatro cantos do mundo	109
Jipe militar: nasce uma estrela	113
A guerra na literatura	117
A guerra na TV	121
Cinema engajado	126
Entre a arte e a pipoca	132
No <i>front</i> da informação	137
Liberdade sobre esteiras	141
A revolucionária engenharia de guerra nazista	145
O legado da engenharia bélica alemã	149

Bibliografia sugerida | 153

INTRODUÇÃO

Ao longo dos dois anos em que escrevi a coluna “Barone vai à guerra”, na revista *Grandes Guerras*, tive um precioso canal para compartilhar meu grande interesse por esse amplo e apaixonante assunto – a Segunda Guerra Mundial – com um número incalculável de pessoas igualmente entusiastas do tema. Para afinar minhas reflexões com as dos leitores, escrevia sobre os mais diversos tópicos relativos ao inesgotável espectro desse que foi, indiscutivelmente, um dos momentos culminantes da História da civilização, por mais incivilizado que o tema possa parecer. A Segunda Guerra Mundial envolveu o mundo num cinturão de fogo que ficou aceso cerca de seis anos, de setembro de 1939 a agosto de 1945. A humanidade parou para debelar as “forças do mal”, representadas pelo Eixo – união da Alemanha, Itália e Japão, que defendia interesses superlativos de domínio, hegemonia e expansão territorial por meios bélicos e inclementes. As demais nações livres e ameaçadas do globo formaram uma aliança para combater tais forças. O mundo então se polarizou numa luta entre os Aliados – coalizão de vários países liderados por Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos – e as potências do Eixo. A guerra deixou marcas profundas no planeta, e suas causas e efeitos são até hoje discutidas e apreciadas por filósofos, escritores renomados, cineastas, e mesmo por pessoas comuns que se deixaram arrebatadas pela complexidade desse crítico momento histórico.

Como parte de uma enorme “tribo” de aficionados pela Segunda Guerra, posso afirmar que qualquer abordagem sobre o assunto que ocupe espaço na grande mídia é capaz de gerar resposta imediata em nosso meio, onde estamos sempre a postos para conferir os últimos lançamentos ou rever os clássicos em matéria de livros, filmes e sé-

ries de TV, que, ao longo dos anos, contribuíram para que a Segunda Guerra se firmasse como um tema literário de forte apelo e um gênero cinematográfico próprio.

Nada como poder compartilhar com outras pessoas as descobertas, as certezas e as dúvidas em torno de um tema tão fascinante. Os interessados pela Segunda Guerra parecem estar sempre dispostos a interagir, seja ao esbarrarem na seção de História de uma livraria, seja quando participam dos inúmeros grupos de discussão encontrados na internet. O perfil típico do entusiasta pela Segunda Guerra não é difícil de descrever. É conhecedor das causas que levaram à guerra e dos aspectos políticos que envolvem o conflito, em especial os mais polêmicos, como o Holocausto e os ataques nucleares ao Japão. Possui noções básicas de estratégia militar, como a Blitzkrieg alemã, vitoriosa nos primeiros dias da guerra, os ataques “em pinça”, em “lança”, frontais ou nos flancos entre as forças oponentes. Os mais dedicados sabem a “ordem de batalha” das forças envolvidas nas grandes ações do conflito, como os sempre presentes “Exércitos A, Central, e B” dos alemães, ou o irrefreável Exército bielo-russo soviético; conhecem as forças de reserva, os contra-ataques, o espaço para manobras e outras tantas estratégias e terminologias presentes nas cartilhas militares desde os tempos de Sun Tzu, da antiga China, passando pelas teorias do prussiano Clausewitz, do século XIX.

Além dos conhecidos vultos históricos ligados ao conflito, como Hitler, Churchill, Stalin, Roosevelt e demais comandantes dos “mocinhos” e dos “bandidos”, o entusiasta da Segunda Guerra valoriza muito a figura do homem comum: o simplório soldado raso americano, o experiente marinheiro inglês, o inquebrantável infante soviético, o destemido *landser* alemão, o insano *kamikaze* japonês. Entre estes se encontra também o ingênuo pracinha brasileiro, quase esquecido pela História em seu próprio país. Desvendar a mente dos “senhores da

guerra” ou sentir-se perto de quem estava lá servindo de “bucha de canhão” são alguns dos assuntos mais prementes para quem enxerga a Segunda Guerra de forma apaixonada.

Outro assunto corriqueiro ao entusiasta típico diz respeito às inúmeras máquinas fabulosas criadas durante a Segunda Guerra. Já foram escritos vários livros sobre essas máquinas – aviões, tanques e navios dos mais diversos, tanto dos Aliados quanto dos maquiavélicos exércitos do Eixo. Essas máquinas em forma de armas foram as ferramentas empregadas na época para devolver a liberdade ao mundo.

Aliás, confesso que durante um período da minha adolescência sonhava em encontrar a “namorada perfeita”: uma que pudesse discutir comigo sobre qual era o melhor caça, o Messerschmitt Me-109 ou o Spitfire. Ou como o temível tanque alemão Tigre I era vulnerável se atacado por trás e outras questões “fundamentais” sobre a Segunda Guerra... Nunca encontrei, porém, uma namorada que partilhasse esse interesse comigo. A História nos conta que exércitos lutaram por causa de Helena de Troia, que Cleópatra causou confusão entre grandes líderes dos exércitos romanos, que Joana d’Arc comandou homens no campo de batalha, mas, em geral, as mulheres não se envolvem diretamente numa guerra. Sempre acabavam sofrendo, porém, com a brutalidade dos homens, pegas no fogo cruzado. Na Segunda Guerra, algumas das maiores vítimas foram as mães que perderam seus filhos e amados no campo de batalha. Há registros de que os soldados sempre clamavam pela mãe quando eram feridos ou nos momentos fatídicos.

Uma vez, ao perceber meu grande interesse por este assunto, minha filha de oito anos me perguntou por que eu gostava tanto de guerra. Tomando emprestada a lógica nem sempre sutil das crianças, eu lhe perguntei por que ela gostava de brincar de boneca, na tentativa de explicar ao menos em parte uma das muitas diferenças

entre meninos e meninas. Guerra parece mesmo coisa de homens. As mulheres certamente estão num plano superior, pois, se dependesse delas, não haveria guerra. Mas não podemos nos esquecer de que, durante a Segunda Guerra, as mulheres prestaram grande colaboração como força de trabalho do *home front*. Elas chegaram a lutar lado a lado com os homens no Exército Vermelho, eram zelosas enfermeiras nos quadros de saúde e levantavam o moral dos soldados nas trincheiras, no papel de cantoras e atrizes de cinema ou mesmo das lendárias *pin-ups*, que eram pintadas seminuas nos narizes dos aviões... Encontrar mulheres entusiastas pela Segunda Guerra é, sem dúvida, um pouco mais raro do que encontrar mulheres que saibam explicar a regra do impedimento no futebol, mas elas existem!

Essa paixão ingênua pelo assunto é um mecanismo que ajuda a manter viva a memória das causas e dos efeitos desse conflito nefasto, nos faz lembrar da dívida que as gerações atuais têm para com os que viveram e sofreram naquela época e nos permite entender um pouco do mundo pós-conflito. Faz pouco tempo, um dos maiores símbolos da divisão do mundo depois da Segunda Guerra, o Muro de Berlim, foi enfim derrubado. A humanidade viveu durante anos a possibilidade real de que o pesadelo de Hiroshima e Nagasaki pudesse acontecer outra vez. A indústria bélica continuou criando máquinas de guerra cada vez mais mortíferas. Depois disso tudo, o mundo ainda viu notas da sinfonia macabra do Holocausto se repetindo na “limpeza étnica” em Ruanda e nos campos de extermínio da Bósnia, conflitos recentes, dos anos 1990. Está mais do que comprovado que esquecer a História traz o risco de ver seus grandes erros acontecerem outra vez...

Este livro foi escrito mirando o entusiasta no assunto, mas também pode servir como ponto de partida para quem deseja se iniciar no amplo universo da Segunda Guerra. Aproveito para contar como

desenvolvi meu interesse pelo tema e faço um relato mais detalhado da grande aventura que foi fazer o documentário *Um brasileiro no Dia D*, sobre os festejos dos sessenta anos do desembarque aliado na Normandia, em junho de 2004. Nas próximas páginas também estão reunidas algumas das minhas contribuições para a revista *Grandes Guerras*, que ajudam a compor a narrativa. O livro traz ainda uma seleção de fotografias – muitas delas do meu acervo pessoal, sugestões de livros, um guia pessoal com recomendações sobre locais de interesse na Normandia e uma lista de sites interessantes sobre a Segunda Guerra.

Como todo apaixonado pela Segunda Guerra, trato deste tema com a empolgação típica dos que escolheram como assunto favorito o *front* europeu ou o *front* do Pacífico, dos que preferem Patton a Monty, dos que conhecem “Ike” e “Mac”, Nimitz e Yamamoto. Dos que, instantaneamente, reconhecem as silhuetas do Sherman, Tiger I, P-51 Mustang, Focke Wulf 190, Hellcat e Zero, ou dos que sabem o significado da Cobra Fumando. É com essa paixão que ofereço agora *A minha Segunda Guerra*.



AS ORIGENS DA “MINHA GUERRA”



Como tudo começou

Meu pai, João de Lavor Reis e Silva, aos 25 anos de idade, recebeu um “convite irrecusável”: tomar parte em uma guerra de verdade. O convite veio na forma de um telegrama, com a convocação obrigatória para o serviço militar, requerendo sua pronta apresentação num determinado quartel. O mundo em guerra alterava profundamente a vida de mais um simples cidadão naquele instante.



↖ *Meu pai, João de Lavor
Reis e Silva, fev./1945*

O jovem João não era militar nem gostava de guerra, mas teve de ir até o Velho Mundo para lutar contra os nazistas, com os 25 mil brasileiros que compunham a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Chegou lá em setembro de 1944 e vivenciou a guerra em todo o seu aterrorizante roteiro durante os oito meses de serviço. Essa história ele nem chegou a contar direito para mim e meus irmãos, talvez por ter se cansado de repeti-la para meus primos e parentes mais velhos, nos anos seguintes a sua volta.

Voltou inteiro, de corpo e cabeça, o que não foi o caso de muitos que retornaram feridos, mutilados ou com problemas psicológicos resultantes do grande estresse do cotidiano no *front*. Meu pai chegou a ajudar muitos de seus amigos “pracinhas” mais humildes, que, ao retornar ao Brasil, encararam uma realidade igual ou pior do que a guerra na Itália.

Até hoje lamento muito não ter conseguido conversar com ele sobre a guerra. As poucas coisas que soube de sua experiência como combatente descobri por meio dos relatos de parentes próximos e da

minha mãe, já depois da morte dele. Meu pai, nascido em 1918 em Foz do Iguaçu, no Paraná, foi estudar no Rio de Janeiro na adolescência, no Colégio Pedro II. Passados alguns anos, conseguiu um emprego público e foi morar em São Paulo para trabalhar nos Correios, na seção de triagem de correspondências. Foi em São Paulo que ele conheceu minha mãe.

Contam os familiares que meu pai estava jantando com seus amigos na pensão onde morava. O Brasil havia declarado guerra ao Eixo em 1942, em resposta aos torpedeamentos de navios brasileiros por U-Boats alemães em nosso mar territorial. Seus amigos falavam aflitos sobre a convocação para a guerra. Alguns já haviam recebido o fatídico telegrama para se apresentar ao serviço militar. Surpreso por ainda não ter recebido nenhuma convocação, meu pai atribuía sua sorte ao fato de ser funcionário público. Enquanto comentava isso com os amigos, a dona da pensão adentrou no recinto para entregar um telegrama endereçado justamente a ele: era a sua convocação!

Ao contrário dos casos um tanto romanceados de inúmeros voluntários que se apresentaram para lutar contra o Eixo, meu pai nunca havia cogitado ir à guerra. Por isso, ele chegou a tentar algumas manobras para escapar à convocação, mas não houve pistolão que mudasse seu bilhete de ida. Nem mesmo meu avô, que conhecia alguns políticos influentes da época, conseguiu fazer algo. Sob o rigoroso regime político de Getúlio Vargas, quem não se apresentasse corria sério risco de perder seus direitos civis e até de ser preso. Houve casos notórios de pessoas que arrancaram todos os dentes, inventaram doenças de toda sorte e fingiram ser deficientes mentais para não passar na seleção militar. Esse não foi o caso do meu pai, que acabou aceitando com resignação o seu destino. Mas todos que rumavam para a guerra naquele momento deviam estar escondendo um grande temor: partir sem saber se iam voltar...

O Brasil era um país de quarto mundo em 1942, essencialmente agrícola, com poucas indústrias de manufatura e com uma população composta em grande parte de analfabetos e subnutridos. Não havia boas estradas ligando as capitais, e a malha ferroviária interestadual era deficiente, problemas ainda vigentes no Brasil de hoje, apesar de algumas melhorias terem acontecido desde então. Mas uma característica marcante daquela época era que o transporte entre muitas cidades litorâneas era feito em navios – muitos dos quais foram torpedeados pelos submarinos nazistas, vitimando quase mil brasileiros, homens, mulheres e crianças. Nosso país perdia vidas inocentes pelo fato de ter se alinhado com os Estados Unidos, sofrendo o terror dos torpedeamentos em pleno mar territorial. O Brasil em breve mandaria uma força militar para ajudar no esforço de guerra aliado. Mas o Exército Brasileiro naquele período estava defasado em tudo: doutrina militar, equipamentos, homens. Era um exército de pés descalços, enquanto uma guerra moderna estava em pleno andamento na Europa e no Oriente.

De certo modo, entrar na guerra ajudou a alavancar o desenvolvimento do Brasil na época. Foi com muito custo que, ao longo de quase dois anos, o Brasil conseguiu juntar 25 mil homens, dos 100 mil inicialmente esperados pelos americanos, para reunir uma força militar apta a entrar em serviço, homens peneirados das mais diversas classes sociais e regiões do país, principalmente do Rio de Janeiro – então a capital do país –, de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, de onde veio a maioria dos recrutados. Parte dos convocados foi eliminada por saúde debilitada, inaptidão física, baixa estatura ou subnutrição. Muitos foram convocados, mesmo sendo analfabetos. Médicos, engenheiros e outros cidadãos abastados, letrados e mais capacitados também

